

A heterogeneidade enunciativa em memes do “Bode Gaiato”

The enunciative heterogeneity in memes of “Bode Gaiato”

NASCIMENTO, Marcela Regina Vasconcelos da Silva. A heterogeneidade enunciativa em memes do “Bode Gaiato”. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, p. 50-70, jan./abr. 2018.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar formas de heterogeneidade mostrada em *memes* do Bode Gaiato. Fundamentamo-nos, sobretudo, nos estudos de Jacqueline Authier-Revuz (1982, 1990), nos quais a autora, apoiando-se em concepções de descentramento do sujeito da psicanálise freudo-lacaniana e na noção de dialogismo de Bakhtin, discute os efeitos da presença de diversas vozes no discurso de um locutor, mostrando como todo discurso é atravessado por múltiplas vozes, de modo que não se pode acreditar na existência de discurso homogêneo. Para tanto, após a revisão de estudos teóricos de Authier-Revuz (1982, 1990), Bakhtin (2002), Benveniste (1989), Dunker (2010) e Flores; Teixeira (2005), coletamos 17 textos publicados no perfil do Bode Gaiato, numa das mais acessadas redes sociais, o Facebook. Esses textos foram, então, analisados à luz dos teóricos supracitados. Foi constatado que há, nos *memes* analisados, um entrecruzamento de vozes sociais bastante significativo para a construção do dizer, de modo que reconhecer essas vozes, remetendo-as aos discursos que evocam, é relevante para a compreensão desses textos. Comprova-se, assim, que todo discurso é intrinsecamente heterogêneo e que o sujeito não se constitui sozinho.

Palavras-chave: Heterogeneidade enunciativa. Heterogeneidade mostrada. Vozes sociais.

Marcela Regina Vasconcelos da Silva NASCIMENTO (UPE)
marcela.vasconcelos@upe.br

Abstract: This work aims to analyze forms of heterogeneity shown in Bode Gaiato memes. We are mainly based on studies by Jacqueline Authier-Revuz (1982, 1990), in which the author, based on conceptions of decentralization of the subject of Freudian-Lacan psychoanalysis and Bakhtin's notion of dialogism, discusses the effects of presence of several voices in the discourse of a speaker, showing how every discourse is crossed by multiple voices, so that one can not believe in the existence of a homogeneous discourse. For this, after reviewing theoretical studies of Authier-Revuz (1982, 1990), Bakhtin (2002), Benveniste (1989), Dunker (2010) and Flores; Teixeira (2005), we have collected 17 texts published in the profile of Bode Gaiato in one of the most accessed social networks over the internet, Facebook. These texts were then analyzed in the light of the aforementioned theorists. It was then verified that there is a very significant interlacing of social voices for the construction of the saying in the analyzed memes, so that to recognize them, referring them to the discourses they evoke, is relevant to the understanding of these texts. It is thus proved that every discourse is intrinsically heterogeneous and that the subject does not constitute himself alone.

Keywords: Enunciative heterogeneity. Heterogeneity shown Social Voices.

Introdução

A relação entre o *eu* e o *outro* é um dos pontos-chave dos estudos a respeito da enunciação. Cada vez mais, mostra-se necessário abandonar a visão narcisista de um sujeito dono absoluto do seu dizer, única fonte dos sentidos. Ao se considerar o discurso como produto de interdiscursos, torna-se imprescindível reconhecer, no âmbito da enunciação, a representação de diferentes modos de negociação do sujeito com o discurso de outrem. Assim, nenhum discurso é isento do já-dito, pois o discurso do outro perpassa toda enunciação, que é atravessada pelos discursos que a antecedem e projeta aqueles que a sucederão.

Diante disso, neste trabalho, serão analisados *memes* do *Bode Gaiato*, um personagem muito conhecido na rede social *Facebook*, a fim de averiguar como ocorrem as representações desses modos de negociação do enunciador com diversas vozes sociais. Serão, portanto, investigados, à luz dos estudos teóricos de Authier-Revuz (1982, 1990), Bakhtin (2002a, 2002b, 2011), Benveniste (1989), Dunker (2010) e Flores; Teixeira (2005), os efeitos de sentido da existência de múltiplas vozes sociais que se imiscuem à voz do enunciador, ratificando a ideia de que não há homogeneidade no discurso.

Heterogeneidade enunciativa: o lugar do *outro* no discurso

Segundo Bakhtin (2002b, 2011), o objeto de estudo da linguagem é o enunciado. Todo processo de comunicação verbal ocorre por meio

da enunciação. Cada enunciação é sempre única e se configura como um produto da interação social. De acordo com Benveniste (1989, p. 82), a enunciação é “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Conseqüentemente, para que esse ato se realize, é fundamental a existência de um locutor, que mobiliza a língua para falar a um interlocutor. Ocorre, portanto, uma conversão individual da língua em discurso.

Por esse motivo, Benveniste (1989) considera a enunciação a utilização do sistema linguístico como um ato individual. No entanto, não se deve, em virtude disso, acreditar que Benveniste adota uma visão dicotômica, a exemplo da concepção saussuriana, visto que, em seus estudos, Benveniste reconhece a instância discursiva desse ato individual. O locutor, quando decide se engajar em uma atividade enunciativa, vale-se das inúmeras possibilidades que a língua, como sistema estruturado, disponibiliza aos sujeitos e, ao fazer isso, enuncia sua posição de locutor.

O autor relaciona o locutor à própria enunciação, uma vez que o considera condição necessária da prática enunciativa. Para Benveniste (1989), a enunciação, como uso individual da língua, coloca o locutor em posição de destaque, já que é definida pelo sujeito que se assume como o EU do discurso.

Em virtude disso, Benveniste (1989, p. 83-84) declara que

o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (BENVENISTE, 1989, p. 83-84).

Apesar disso, Benveniste (1989) não desconsidera o papel exercido pelo aparelho formal da enunciação, porquanto reconhece que a enunciação se realiza por meio de caracteres formais, existentes no interior da língua, os quais são atualizados a partir das manifestações individuais. Compreende-se, então, por que o autor defende que, no que se refere à língua, a enunciação se constitui como um processo de apropriação. Afinal, “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Dessa forma, o locutor se apropria da língua para expressar uma relação que deseja estabelecer com o mundo. Há, portanto, nesse processo de apropriação e de mobilização da língua, um caráter referencial, visto que a referência é constitutiva da enunciação.

Observa-se, assim, que emerge uma necessidade de, por meio do discurso, criar uma referência para o outro. Para Benveniste (1989), o outro é imprescindível à enunciação. Por isso, Benveniste (1989, p. 84) chama atenção para o fato de “imediatamente, desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro”.

Em decorrência disso, parece forçoso reconhecer a existência de uma heterogeneidade constitutiva da enunciação. Esse reconhecimento é feito de modo bastante singular por Jacqueline Authier-Revuz (1982, 1990), cuja abordagem apresenta o campo da enunciação como marcado por uma heterogeneidade constitutiva, fato que faz com que ela considere inevitável recorrer, para a descrição dos fatos da língua, a abordagens estranhas à linguística.

Por esse motivo, a autora considera fundamental passar da consideração de língua como fechada em si, presente nos estudos pautados em correntes imanentistas, ao estudo do discurso. Essa postura obrigatoriamente leva a abandonar um domínio homogêneo, para que haja a inserção de uma concepção de língua no âmbito da heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso.

Authier-Revuz (1982) desenvolve, então, seus estudos acerca da heterogeneidade enunciativa. Para tanto, ela sente a necessidade de recorrer a duas abordagens não linguísticas: o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise lacaniana.

Para propor o que chamo de heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso, apoiar-me-ei, de um lado, nos trabalhos que tomam o discurso como produto de interdiscursos ou, em outras palavras, a problemática do dialogismo bakhtiniano; de outro lado, apoiar-me-ei na abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem permitida por Freud e sua releitura por Lacan (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26).

Para Bakhtin (2002a), a interação com o discurso do outro é a lei constitutiva de qualquer discurso. Todo discurso está imediata e diretamente determinado pelo já-dito e pela resposta antecipada. Todo dizer se orienta tanto para o espaço interdiscursivo como para o discurso-resposta que ainda não foi dito, mas foi solicitado e é esperado. O ouvinte que recebe e compreende um discurso adota, para com esse

discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, executa uma ação etc. A compreensão de um enunciado é acompanhada de uma atitude responsiva ativa, toda compreensão é preche de resposta, ainda que essa resposta não seja verbal, podendo se configurar como um ato ou até mesmo o silêncio.

Assim, Bakhtin (2002a, p. 89) postula que

o discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, pressente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do “já dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim, é todo diálogo vivo (BAKHTIN, 2002a, p. 89).

Por conseguinte, o locutor incorpora ao seu dizer as vozes que o antecedem e as que antecipa no fluxo da interação verbal. Em consequência, o discurso é orientado pelo já-dito e pelo que ainda será dito acerca do seu objeto, aquilo que, embora não tenha sido dito, é solicitado e esperado. Desse modo, nenhuma palavra pode ser considerada neutra e direta, uma vez que é permeada por discursos e ressonâncias de outrem. Logo, o discurso não é individual: nele, ressoam vozes do locutor e do *outro*.

Em síntese, são esses os aspectos que caracterizam o dialogismo bakhtiniano. Flores; Teixeira (2005, p. 75) explicam que, “visto como *diálogo* entre discursos, o dialogismo traz a ideia de que o discurso não se constrói a não ser pelo atravessamento de uma variedade de discursos, as palavras sendo já ‘habitadas’ por outras ressonâncias”.

Além das noções relacionadas ao dialogismo de Bakhtin, Authier-Revuz (1982) também convoca concepções da psicanálise freudo-lacanianana para o desenvolvimento de sua teoria. Segundo Flores; Teixeira (2005, p. 75):

o que de modo particular mobiliza a sua atenção é o fato de a psicanálise mostrar que “atrás da linearidade da emissão por uma única voz, faz-se ouvir uma polifonia”, o discurso sendo constitutivamente atravessado pelo discurso do “outro”. A autora [Authier-Revuz] articula a teoria da heterogeneidade da palavra a uma teoria de sujeito *efeito de linguagem*, para quem não existe – fora da ilusão e do fantasma – posição de exterioridade em relação à linguagem, nem centro em que emanariam, particularmente, a fala e o sentido (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 75).

A psicanálise freudo-laciana postula que a fala é essencialmente heterogênea, bem como que o sujeito é dividido, pois, além das representações do EU, as quais podem ser especulares ou imaginárias, no discurso, há uma determinação simbólica (o significante, a linguagem, o inconsciente), que marca o lugar da alteridade.

De acordo com o psicanalista Dunker (2010), o discurso é, para Lacan, constitutivamente atravessado pelo discurso do Outro. O autor explica que Lacan considerava o desejo humano como alienado em significantes que se constituem como suportes para a transmissão de ideais, expectativas, pontos de limites, regras e outras condições por meio das quais nos socializamos. Dunker (2010, p. 25) esclarece que:

dizemos *alienação* porque esses significantes aparecem sempre de um lugar: o Outro, na acepção lacaniana do termo. *Alium* quer dizer outro, e é justamente assim que nos relacionamos com o desejo inconsciente, como se ele viesse de um Outro (grafado com letra maiúscula), e não de mim mesmo (DUNKER, 2010, p. 25).

Dunker (2010) discute algumas localizações do inconsciente por meio da apresentação de falas de sujeitos *reificados*, ou seja, sujeitos que, na perspectiva psicanalítica, tomam a si mesmos como um objeto e não subjetivam seu desejo. Com estes exemplos, o autor demonstra como se dá a presença do Outro no discurso: “Disse isso, mas, na verdade não era isso que eu queria dizer” (portanto, quem o disse?); “sonhei aquilo, mas era só um sonho, nada diz de mim como ser dotado de razão e vontade autônoma” (mas, então, quem sonhou?); “fiz determinada coisa, algo que eu mesmo sei ser prejudicial, tolo, ou contrário, a uma deliberação da minha consciência” (então, fez segundo a vontade de quem?); “quando fiz e disse ‘estava fora de mim mesmo’” (e onde você estava?).

Em cada uma dessas localizações do inconsciente, não há implicação: o sujeito não subjetiva seu desejo, que é, no fundo, desejo do Outro. Assim, atrás da linearidade da emissão de uma única voz, fazem-se ouvir outras vozes, já que o discurso é atravessado pelo discurso do Outro: o significante, a lei, o inconsciente.

Percebe-se, portanto, que o outro para Bakhtin não é igual ao Outro para Lacan. O Outro lacaniano está relacionado a uma determinação inconsciente, ao passo que o outro bakhtiniano diz respeito ao interlocutor cuja compreensão responsiva ativa é pressuposta.

Authier-Revuz recorre ainda a Pêcheux, do qual utiliza a noção

de interdiscurso, que se refere à presença de um não dito, sem fronteira localizável, que sempre constitui o discurso. Todavia, a autora não se apoia completamente na noção de sujeito desenvolvida por Pêcheux, já que ela acredita que a noção de sujeito de Pêcheux reduz o sujeito ao imaginário, limitado a uma “plena ilusão”. O que ela busca realmente em Pêcheux é a noção de ilusão de unidade e de centro que o sujeito assume para se manter.

Com base nessas noções, Authier-Revuz (1982, 1990) desenvolve a concepção de heterogeneidade enunciativa, apresentando os modos de sua materialização no discurso: a heterogeneidade constitutiva, a heterogeneidade mostrada marcada e a heterogeneidade mostrada não marcada.

Heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada

Jacqueline Authier-Revuz (1982, 1990) analisa a heterogeneidade enunciativa sob uma ótica que considera a presença do outro/Outro¹ no discurso. A autora reconhece a alteridade como princípio fundante, de modo que a heterogeneidade é tratada como elemento constitutivo da própria linguagem. Com isso, Authier-Revuz põe em evidência as vozes que, no fio do discurso, conduzem à emergência de um discurso outro no discurso do mesmo.

Assim, a autora trata do princípio da heterogeneidade enunciativa, cujo principal pressuposto refere-se ao fato de que a linguagem é intrinsecamente heterogênea em sua constituição, o que faz com que o discurso, em virtude de sua materialidade linguística, também o seja.

Authier-Revuz (1982, 1990) propõe duas formas pelas quais a alteridade pode ser apresentada no discurso: por meio da heterogeneidade constitutiva e da heterogeneidade mostrada, a qual pode ocorrer de maneira marcada ou não marcada.

Segundo Authier-Revuz (1990, p. 32),

heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade marcada no discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32).

A heterogeneidade constitutiva, de acordo com a autora, não se apresenta na organização linear do discurso. Nesse caso, a alteridade encontra-se no nível do interdiscurso, não sendo revelada. Ela é

¹ O outro diz respeito às vozes dos interlocutores que permeiam o discurso, segundo o dialogismo bakhtiniano; ao passo que o Outro se refere ao inconsciente, conforme os preceitos da psicanálise freudo-lacaniana.

essencialmente construída pela presença do Outro.

Logo, a heterogeneidade constitutiva é aquela em que a alteridade não está marcada no discurso, pois é da ordem do inconsciente. Refere-se aos discursos que são sócio-historicamente construídos, atravessados por diversas enunciações. O discurso, assim, se constitui na e pela presença do Outro.

Todo e qualquer discurso é perpassado pela heterogeneidade constitutiva, já que é constituído pelo já-dito. Conseqüentemente, o sujeito não é o único dono do seu dizer, visto que retoma discursos do Outro, embora não perceba isso, já que esqueceu a fonte do dizer. As palavras do Outro se integram ao discurso do sujeito, diluindo a presença do Outro nesse discurso.

Dessa forma, as outras vozes são esquecidas no inconsciente, mas retomadas em função do que se quer dizer em um dado contexto de uso. A presença dessas vozes não está delimitada no discurso que está sendo atualizado e, por isso, não é localizável. Por isso, não há discurso homogêneo, o que implica a existência de outros discursos no discurso de um. Em outras palavras, em todo discurso há vozes que estavam no inconsciente e são retomadas, fazendo com que esse discurso não seja exclusivo do sujeito que o produz, uma vez que também pertence ao Outro.

A heterogeneidade mostrada, por sua vez, apresenta as marcas da presença do outro, de maneira tal que a alteridade pode ser analisada, já que é revelada na cadeia discursiva. Ou seja, a heterogeneidade mostrada revela a presença, no fio de um discurso, de outras vozes e outros discursos na superfície do texto.

Como efeito disso, pode-se perceber que a heterogeneidade mostrada se realiza quando um sujeito, em um contexto específico de uso, produz, em seu discurso, formas linguisticamente reconhecíveis de inclusão do outro em seu dizer. Esse fenômeno pode ocorrer com formas marcadas ou não marcadas.

Authier-Revuz (1982, 1990) explica que as formas marcadas da heterogeneidade mostrada apresentam marcas linguísticas explícitas da inserção do outro nos discursos, as quais podem ser recuperadas no plano enunciativo. Elas podem se manifestar de maneiras diversas: discurso direto, discurso indireto, aspas, glosa, itálico, modalização autonímica etc.

As formas marcadas da heterogeneidade mostrada permitem ao sujeito a atribuição de um dizer ao outro, com quem compartilha os sentidos produzidos (ou, até mesmo, em alguns casos, de quem

discorda). Assim, a heterogeneidade mostrada marcada é responsável pela instauração, no dizer, de um mecanismo de distanciamento entre o sujeito e as outras vozes presentes em seu discurso.

Constitui-se, portanto, como um mecanismo de defesa por meio do qual o sujeito, ao mesmo tempo em que reconhece que seu discurso é constituído por outras vozes, nega a heterogeneidade própria do discurso; afinal, só a reconhece em um dado ponto, como se o restante de seu dizer pertencesse somente a ele. Por essa razão, Authier-Revuz (1990, p. 33) defende que

o que caracteriza as formas marcadas da heterogeneidade mostrada como formas do desconhecimento da heterogeneidade constitutiva é que elas operam sobre o modo da **denegação**. Por uma espécie de compromisso precário que dá lugar ao heterogêneo e portanto o reconhece, mas para melhor negar sua onipresença. Elas manifestam a realidade dessa onipresença precisamente nos lugares que tentam encobri-la (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 33).

Sabe-se que o sujeito tem necessidade de desconhecer a heterogeneidade que constitui o discurso, pois é movido pela ilusão de ser o centro da enunciação. Quando esse sujeito consciente e explicitamente traz outra voz para seu discurso, está assumindo que é impossível escapar da heterogeneidade. Mas, ao mesmo tempo em que a heterogeneidade mostrada comprova a existência da heterogeneidade em um dado ponto do discurso, ela nega a heterogeneidade existente no restante.

A heterogeneidade mostrada cria a ilusão de que, só quando se mostra explicitamente a fala do outro, o discurso assume um caráter heterogêneo, negando, portanto, que toda enunciação é essencialmente heterogênea, ainda que não revele explicitamente isso.

Já as formas não marcadas têm um caráter mais complexo, visto que estão implícitas. Elas exigem do interlocutor o reconhecimento da presença das outras vozes naquele discurso. Podem ocorrer por meio do discurso indireto livre, da alusão, da antífrase, da imitação, da ironia, de metáforas, das reminiscências, dos jogos de palavras, do *pastiche* etc.

Quanto a essa forma de heterogeneidade mostrada, Authier-Revuz (1990, p. 34) destaca que

efetivamente, as formas não marcadas da heterogeneidade mostrada – discurso indireto livre, ironia... de um lado, metáforas, jogos de palavras... de outro lado – representam, pelo continuum, a incerteza que caracteriza a referência ao outro, **uma outra forma de negociação** com a heterogeneidade constitutiva; uma forma mais arriscada, porque joga com

a diluição, com a dissolução do outro no um, onde este, precisamente aqui, pode ser enfaticamente confirmado mas também pode se perder (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 34).

Logo, as formas não marcadas da heterogeneidade mostrada não revelam explicitamente a presença do outro no discurso, já que as outras vozes se integram à própria voz do locutor. A constatação da sua presença no discurso exige o reconhecimento, por parte do interlocutor, dos discursos do outro naquele dizer. As vozes dos outros, diluídas nesse espaço semidesvelado, confundem-se com o próprio dizer do locutor. Não se delimita linguisticamente o discurso do locutor e o discurso do outro, as vozes se entrecruzam e se imiscuem.

A heterogeneidade enunciativa em publicações do Bode Gaiato

Cotidianamente, a *internet* tem proporcionado o surgimento de diversos *memes*. Um *meme* diz respeito a imagens, tiras, frases ou vídeos bem-humorados que rapidamente se espalham pela rede. Assim, o termo, de origem grega, que remete à imitação, está associado a imagens, vídeos, ideias, personagens, entre outros elementos que conseguem alta popularidade e facilmente “viralizam”.

Um *meme* bastante popular atualmente, no Brasil, sobretudo na região Nordeste, é o *Bode Gaiato*. Criado por um jovem pernambucano, o personagem apresenta comportamentos tipicamente nordestinos, e as postagens de sua página (em que há mais de oito milhões de seguidores, espalhados por todo país) em uma rede social, o *Facebook*, fazem um verdadeiro registro do vocabulário e de aspectos fonéticos de falares nordestinos.

Tendo em vista os propósitos da *fanpage* do Bode Gaiato nessa rede social, foi cogitada a hipótese de que seriam encontrados discursos atravessados por vozes características da cultura nordestina. Diante disso, decidimos analisar como se manifesta a heterogeneidade mostrada em postagens do Bode Gaiato. Optamos por investigar a heterogeneidade mostrada em virtude do fato de que, conforme defende Authier-Revuz (1990), a heterogeneidade constitutiva não é linguisticamente delimitada e, portanto, é não observável.

Diante disso, foram coletadas 17 postagens publicadas entre janeiro de 2014 e janeiro de 2016 nesta página do Facebook: <<https://facebook.com/ObodeGaiato>>. Foi dada preferência a postagens que mesclavam elementos verbais e não verbais, em detrimento de *posts* puramente verbais.

A análise empreendida permitiu constatar que em todas as postagens ocorre a heterogeneidade mostrada não marcada. Essa heterogeneidade retoma falares tipicamente nordestinos e falares vinculados a costumes e práticas sociais recorrentes, apresenta ironias, faz alusão a anúncios publicitários bastante conhecidos no Brasil e a efeitos visuais da telenovela *Avenida Brasil*, que foi ao ar no horário nobre da emissora Globo, entre 26 de março e 19 de outubro de 2012. Não foram encontrados memes que apresentassem formas de heterogeneidade mostrada marcada.

Apresentamos, a seguir, os memes analisados e, em seguida, as categorias em que foram organizados, conforme a natureza das vozes expressas.

Texto 1 – Meme 01



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 2 – Meme 02



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 3 – Meme 03



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 4 – Meme 04



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 5 – Meme 05



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 6 – Meme 06



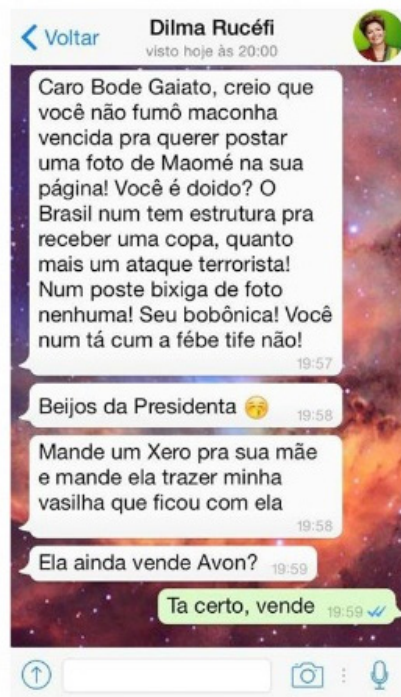
Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 7 - Meme 07



Texto 07

Texto 8 - Meme 08



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 09 - Meme 09



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 10 – Meme 10



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 11 – Meme 11



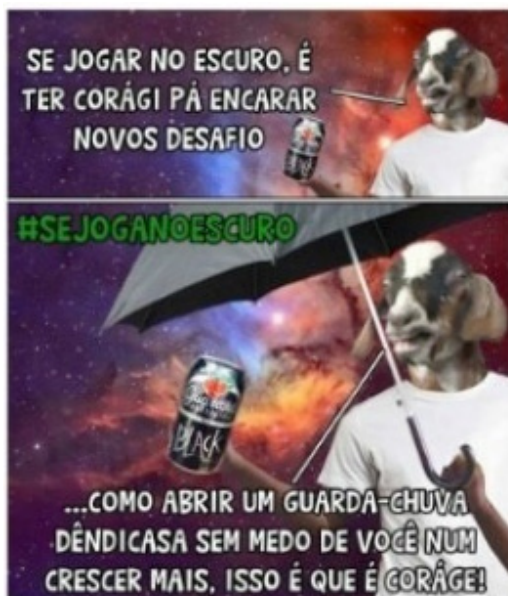
Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 12 – Meme 12



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 13 – Meme 13



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 14 – Meme 14



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 15 – Meme 15



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 16 – Meme 16



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Texto 17 – Meme 17



Fonte: <https://www.facebook.com/BodeGaiato/>

Vozes que retomam falares tipicamente nordestinos

No texto 01, constatamos a presença da expressão “catinga” (mau cheiro); no texto 02, encontramos “mingula” (representa a forma oralizada de “me engula”); no texto 03, foi usada a expressão “dormir de couro quente” (que significa “levar uma surra”); no texto 04,

observamos a presença de “cába” (forma oralizada de “cabra”, vocativo para “rapaz”); no texto 05, encontramos “miséra” (que representa uma oralização de “miséria”); no texto 06, “eu vim parar no xilindró” (que significa “eu fui preso”); no texto 07, havia “ôh mulhé tão ruim, nãm” (em que são representados na escrita fenômenos fonético-fonológicos como a apócope, que consiste na supressão de fonemas no fim de palavra: “mulher” > “muié”); no texto 08, encontramos “bixiga nenhuma” (que seria equivalente à expressão “porcaria nenhuma”), “não tá com a fébe tife” (não está tendo alucinações), “mande um xero pra sua mãe” (“mande xero”, em boa parte do Nordeste, equivale a uma forma mais íntima e carinhosa de “mande um beijo”); no texto 12, “mainha” (diminutivo de “mãe” bastante usual no Nordeste); no texto 16, “ser liso” e “lisêra” (“ser liso” significa “não ter dinheiro” e “lisêra” é uma derivação, cuja forma oralizada foi representada na escrita). No texto 09, observamos um grande número de expressões atravessadas por vozes que retomam a fala nordestina: “fi do cão”; “dêxa dos teus pantin”; “bixiga lixa”; “azilado”; “frescura da gota serena”; “essa mulésta”; “ficar imbaçano nos zisquema da pessoa”; “bora dexâno de viçadêra”, em que são representados na escrita alguns fenômenos fonético-fonológicos.

Em todos esses casos, há formas não marcadas da heterogeneidade mostrada, uma vez que a fala de um grupo social, o nordestino, é retomada. Todavia, cabe ao interlocutor reconhecer e interpretar essas vozes, que estão diluídas no discurso de um. Não se delimitam linguisticamente as vozes que se imiscuem ao discurso do locutor.

Vozes que retomam costumes e práticas sociais recorrentes

Nos textos 03, 04, 07, 08, 11, 12, 13, 14, 15, 17 ocorre também o entrecruzamento de vozes sem que haja a delimitação linguística do discurso do outro. As outras vozes que permeiam, em cada caso, o discurso do locutor retomam discursos que têm ampla circulação social no Brasil, referindo-se a costumes ou a práticas sociais recorrentes.

Nesses textos, há vozes relacionadas a falas populares, evocadas por muitos brasileiros, que podem reconhecê-las com relativa facilidade, visto que, possivelmente, já as ativaram em algum contexto de uso ou já presenciaram alguma situação em que elas foram usadas.

Assim, identificamos, no texto 03, “pergunta pro meu amigo [...] o nome dele é Google”. O Google tornou-se uma das ferramentas de busca

na internet mais usadas no mundo. Somado a isso, encontra-se o fato de que, no Brasil, há o costume de indicar a uma pessoa que procure um dicionário, diante de alguma dúvida acerca do significado de uma dada palavra (há diversas expressões que retomam esse discurso, algumas até de caráter agressivo, como “procure o pai dos burros, o Aurélio”).

É provável que as pessoas tenham criado uma espécie de cruzamento desses fatos, de tal maneira que, nos dias atuais, quando alguém pede uma informação, há pessoas que prontamente sugerem uma consulta ao Google. Mas, a associação com o discurso segundo o qual aquele que precisa recorrer a tal artifício é ignorante (ou “burro”) confere um caráter ofensivo a tal sugestão, o que levou “a mãe do Bode Gaiato” a bater no filho, afinal, ele foi “dormir de couro quente”.

Outro discurso bastante popular é aquele suscitado por pessoas que passam por algum tipo de rompimento amoroso e afirmam que o(a) parceiro(a) “jamais vai encontrar outra pessoa igual”. É o que se observa no texto 04, quando “o bode Ciço”, retomando esse discurso, diz à sua amada “tu nunca vai achar outro cába que nem eu”. No entanto, para surpresa dele, ao dizer “Deus te ôça”, ela também retoma um discurso bastante conhecido, o qual indica o seu desejo de que a fala de seu interlocutor se concretize.

No texto 07, encontramos outra voz que remete a discursos populares perpassando o discurso do locutor: “quiria que ezistice algo entre nós”, frequentemente usada em situações nas quais o sujeito tenta dar início a um relacionamento amoroso.

O texto 08, por sua vez, está imbuído de vozes que remetem a situações recorrentes no cotidiano de pessoas com certo nível de intimidade: “mande ela trazer minha vasilha que ficou com ela”, relacionada a situações em que pessoas enviam vasilhas com comidas para vizinhos, parentes e amigos; e “ela ainda vende Avon?”, relacionada a situações em que mulheres (em sua maioria) procuram conhecidas ou amigas que trabalham como consultoras e representantes de vendas de uma marca de cosméticos bastante conhecida no país e que tem como consumidoras, normalmente, mulheres pertencentes às camadas socioeconômicas C e D. A presença dessas vozes em um discurso atribuído à presidenta do Brasil (em exercício da função no momento da postagem) se constitui como mais um elemento que confere humor ao texto, uma vez que não se espera que ela tenha intimidade para trocar com “Dona Zéfa”, vasilhas com alimentos, tampouco que a procure para comprar produtos da marca Avon.

No texto 11, constatamos a presença de outras vozes de ampla circulação popular: “pena que eu num posso dizer o mesmo”, típica de situações em que se recebe um elogio de alguém a cuja gentileza não se pretende retribuir; “faz que nem eu”, usualmente ativada quando se deseja que o interlocutor copie um comportamento do locutor; “vai que cola né”, que remete a tentativas de atribuir credibilidade a algo de que o próprio locutor duvida. No texto 12, também foi encontrada “é o seguinte mermão”, que caracteriza a fala de grupos socialmente estigmatizados e marginalizados.

No texto 13, “se jogar no escuro é ter córagi pá encarar novos desafio” e a hashtag #sejoganoescuro retomam discursos que circulam, sobretudo, entre jovens, especialmente em ambientes virtuais de interação, e remetem a situações que instauram um desafio que o sujeito precisa superar. Além disso, a expressão “se joga no escuro” remete a um lançamento da marca Antarctica, o Guaraná Antarctica Black, convidando/desafiando o interlocutor a conhecer o novo refrigerante.

No texto 14, encontramos, no discurso de um, a presença de vozes que remetem a diferentes discursos: “teu carro num presta mais não, deu P.T.”, que se relacionam a falas comumente utilizadas em circunstâncias que, em geral, envolvem um acidente de carro, em que o veículo é dado como “perdido”. A sigla significaria, no âmbito desse discurso, “perda total”. Todavia, o proprietário do veículo remete a expressão “deu P.T.” a outro discurso, ligado a discussões de ordens políticas, e compreende o significado da sigla como “Partido dos Trabalhadores”. Por isso, ele repete vozes que têm sido evocadas por brasileiros que se opõem a esse partido político: “a culpa era do PT”.

No texto 15, novamente os discursos se mesclam: a professora pergunta qual é a reação do álcool, na expectativa de que a resposta suscite discursos científicos. Entretanto, o aluno traz outras vozes, típicas do discurso popular: “mandar sms pra ex”, “pegar gente feia”, e “não lembrar as bestêra que fez”.

Também é possível constatar a existência de vozes que, trazendo aos textos discursos populares, remetem a costumes e/ou crendices: no texto 12, “nóis tá cum seu chinelo e vamo virar ele pra baixo”; e, no texto 13, “abrir um guarda-chuva dêndicasa sem medo de você num crescer mais”.

Por fim, no texto 17, observamos que o locutor traz, para seu dizer, vozes relacionadas a práticas sociais recorrentes: “status”, que remete a perfis de redes sociais; e “respirando com ajuda de aparelhos”, expressão normalmente utilizada quando um paciente não consegue respirar naturalmente. Apesar de esta última estar ligada à área médica, a expressão se popularizou, o que, entre outras coisas, permitiu que fosse deslocada de contexto e, no texto 17, assumisse outro sentido: com o calor insuportável, o locutor se diz respirando com ajuda de aparelhos porque está sentindo intensamente a necessidade de usar aparelhos de ar condicionado e ventiladores.

Ironias e jogos de palavras

A ironia é uma forma não marcada de ocorrência da heterogeneidade mostrada. Podemos constatar a presença de ironia em diversos textos analisados, entre os quais se destacam os textos 01, 02, 04, 05, 06, 07, 08, 10, 11, 15, 16 e 17. Em alguns desses textos, além da ironia, observamos a existência de jogos de palavras, os quais possibilitaram que um sujeito evocasse vozes remetendo a um dado discurso, ao passo que seu interlocutor compreendeu essas falas remetendo a discursos distintos do que o locutor visava suscitar. Tal fenômeno se verifica no texto 06, quando o guarda questiona “porque seu carro tá sem placa?” e o motorista responde “porque ele usa Colgate Total 12”. Também ocorre no texto 10, quando o guarda adverte o motorista de que pode “tirar a carteira” daquele condutor, evocando uma voz cujo sentido está ligado a “apreender a carteira de habilitação, confiscá-la”, mas o motorista, usando a mesma expressão, evoca uma voz cujo sentido está ligado a “conquistar, conseguir a carteira de habilitação”. No texto 14, quando um sujeito afirma que “deu P.T.”, cujo sentido relaciona-se à expressão “perda total do veículo”, e seu interlocutor a remete a discursos políticos, atribuindo o significado da sigla PT a “Partido dos Trabalhadores”. No texto 15, quando a professora usa a expressão “reação do álcool”, remetendo-a a discursos na área de estudos de química, no entanto, o aluno remete a discursos populares. No texto 17, quando a expressão “respirando com ajuda de aparelhos” é deslocada de seu sentido original, conferindo humor ao texto: o calor está tão grande que a necessidade de aparelhos de ar condicionado e ventiladores se tornou vital, da mesma forma como ocorre com pacientes que não conseguem respirar naturalmente.

Alusão a anúncio publicitário

A alusão, outra forma não marcada da heterogeneidade mostrada, também se encontra presente nos textos analisados. Constatamos duas alusões a anúncios publicitários de sucesso no país: no texto 05, observamos a presença de vozes que remetem a um comercial de cartão de crédito, no qual, após revelar o valor cobrado por produtos ou serviços, apresentava-se a satisfação do consumidor e se dizia que essa satisfação (em suas diferentes manifestações) “não tem preço”. Essa voz se faz presente na fala “ser tua mulher num tem preço”. No texto 06, a alusão é feita em relação a um anúncio de creme dental que promete dentes sem cáries e sem placas: “porque ele usa Colgate Total 12”. O texto 13 faz alusão a um anúncio publicitário recentemente lançado no país e, provavelmente por isso, menos conhecido: a hashtag #sejoganoescuro retoma o discurso publicitário que associa a coragem de conhecer coisas novas ao novo produto da marca Antarctica.

Alusão a efeitos visuais da telenovela Avenida Brasil

Avenida Brasil, uma telenovela de grande sucesso no país, trabalhou de modo bastante enfático o suspense no final de cada capítulo. Concluir o capítulo no clímax de um conflito é um recurso usado em larga escala na teledramaturgia, todavia, tendo em vista o próprio enredo de *Avenida Brasil*, esse recurso foi acentuado nessa novela. Um dos fatores que contribuíram para isso foi o apelo a recursos visuais e sonoros feito no encerramento dos capítulos. Todas as vezes em que um personagem era colocado em situação de conflito e se encerrava o capítulo, a imagem do personagem era “congelada” e surgia um plano de fundo característico da novela, tal como se pode conferir a seguir:

Figura 01 – Imagens de Avenida Brasil



Fonte: Google

Nos textos 01, 04, 05, 11, 12 e 15, constatamos a alusão a esse recurso visual utilizado em *Avenida Brasil*, remetendo à situação de surpresa em que se encontravam os personagens desses textos à demonstração de clímax de um capítulo que era feita na novela.

Considerações finais

A análise empreendida nos permitiu ratificar que nenhum discurso pode ser considerado homogêneo, uma vez que há um entrecruzamento de vozes que é significativo para a construção do dizer. O reconhecimento dessas vozes, remetendo-as aos discursos que evocam, foi fundamental para a compreensão dos textos analisados.

Além disso, constatamos que o sujeito não se constitui sozinho, porquanto seu discurso é perpassado pelo discurso do outro/Outro. A negociação que o sujeito realiza com outras vozes é constitutiva do próprio discurso, ainda que a presença dessas vozes não esteja linguisticamente explícita, delimitada. Ao retomar outros dizeres, nessa constante relação com o NÃO EU, o EU se constrói no discurso, o que redimensiona nossa percepção de subjetividade e do papel do sujeito no ato enunciativo.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneité montrée et heterogeneité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans Le discours. In: **DRLAV – Revue de Linguistique**, n. 26, p. 91-151, 1982.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, IEL, n. 19, p. 25-42, 1990.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 5. ed. São Paulo: Anablume; Hucitec, 2002a.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 9. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002b.

_____. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DUNKER, C. I. L. **Psicanálise: Lacan. Psicoterapias: teoria e técnicas**. São Paulo, v. 1, n. 3, p. 7-39, 2010. Edição Especial.

FLORES, V. do N.; TEIXEIRA, M. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

Recebido em: 26 de set. de 2017.
Aceito em: 02 de mar. de 2018.